

## INFLUENCIADORES E ATIVISMO DIGITAL: O USO DO TWITTER NA DENÚNCIA DO CASO DA CHACINA DO JACAREZINHO

Gabriel Delfino<sup>1</sup>

### Resumo

Esse trabalho tem como problema central a identificação de como denúncias e construções de debates sobre violações de direitos humanos ocorrem nas redes sociais, sendo analisado o caso das reações na rede social *Twitter* da chacina do Jacarezinho, ocorrida no dia 06 de maio de 2021. Com isso, objetiva-se observar como o tema chega no *site* e de qual forma foi organizada a dinâmica dos atores envolvidos, observando quem obteve mais interações entre si na rede. Como objetivo específico pretendeu-se, também, observar como o debate sobre o assunto foi construído para além de sua denúncia, inserindo também dados sobre o dia posterior ao caso, onde os fatos já tinham sido absorvidos pela rede social. Para isso foram extraídos dados da plataforma *Twitter* e aplicados ao software *Gephi*, visando a criação de grafos que possibilitam a visualização dessas informações em uma rede integrada, considerando seus pesos e conexões. No programa foram construídas as redes e priorizadas as criações das aglomerações entre os usuários, os destaques de influenciadores do tema a partir de seus pesos de entrada e a relação dos blocos ideologicamente identificados entre si. Com isso, foi possível observar que a atuação política dos moradores, movimentos sociais e influenciadores engajados na pauta racial foi fundamental na construção de uma narrativa em que se pudesse compreender aquelas pessoas como vítimas, em direta disputa com atores que endossam a versão da corporação policial como única a ser considerada.

**Palavras-chave:** Ativismo digital; Black Twitter; Violência de Estado; Chacina do Jacarezinho; Direitos Humanos.

### Abstract

This work has as its central problem the identification of how complaints and constructions of debates about human rights violations occur in social networks, being analyzed the case of the reactions on the social network Twitter of the Jacarezinho massacre, which took place on May 6, 2021. Therefore, the objective is to observe how the theme arrives on the site and how the dynamics of the actors involved were organized, observing who had more interactions with each other on the network. As a specific objective, it was also intended to observe how the debate on the subject was built beyond its denunciation, also inserting data about the day after the case, where the facts had already been absorbed by the social network. For this, data were extracted from the Twitter platform and applied to the Gephi software, aiming at the creation of graphs that allow the visualization of this information in an integrated network, considering its weights and connections. In the program, networks were built and the creation of agglomerations among users, the highlights of influencers of the theme from their input weights and the relationship of the blocks ideologically identified with each other were prioritized. With this, it was possible to observe that the political action of the residents, social movements and influencers engaged in the racial agenda was fundamental in the construction of a narrative in which those people could be understood as victims, in direct dispute with actors who endorse the version of the police corporation as the only one to be considered.

**Keywords:** Digital activism; Black Twitter; State violence; Jacarezinho massacre; Human rights.

<sup>1</sup> Mestrando em Ciência Política na Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: gabrieldelphino20@gmail.com.

## Resumen

Este trabajo tiene como problema central la identificación de cómo ocurren las denuncias y la construcción de debates sobre violaciones de derechos humanos en las redes sociales, analizando el caso de las reacciones en la red social Twitter de la masacre de Jacarezinho, ocurrida el 06 de mayo de 2021. Con ello, se pretende observar cómo llega el tema al sitio y cómo se organizó la dinámica de los actores involucrados, observando quiénes obtuvieron más interacciones entre sí en la red. Como objetivo específico, también se pretendía observar cómo se construía el debate sobre el tema más allá de su denuncia, insertando también datos sobre el día después del caso, donde los hechos ya habían sido absorbidos por la red social. Para ello, se extrajeron los datos de la plataforma Twitter y se aplicaron al software Gephi, con el objetivo de crear gráficos que permitan la visualización de esta información en una red integrada, considerando sus pesos y conexiones. En el programa se construyeron las redes y se priorizaron las creaciones de aglomeraciones entre usuarios, los destaque de los influenciadores del tema a partir de sus pesos de entrada y la relación de los bloques ideológicamente identificados entre sí. Así, fue posible observar que la actuación política de los residentes, los movimientos sociales y los influenciadores comprometidos con la agenda racial fue crucial en la construcción de una narrativa en la que fue posible entender a esas personas como víctimas, en disputa directa con los actores que avalan la versión de la corporación policial como la única a considerar.

**Palabras clave:** Activismo digital; Twitter negro; Violencia de Estado; Masacre de Jacarezinho; Derechos Humanos.

## 1. INTRODUÇÃO

O crescimento da utilização da internet e de redes sociais no cotidiano, especialmente por parte dos jovens, resulta em uma alteração na construção das relações sociais, seja individualmente ou entre grupos sociais. Um sinal disso é que esses meios têm sido fortemente usados nos últimos anos, por exemplo, para debates e formulações entre coletivos e movimentos sociais, a fim de gerar mobilizações em torno de pautas de interesse. Quanto a isso, Maria da Glória Gohn (2018) pontua que “Eles [as redes sociais e os coletivos] não apenas decodificam, mas também codificam os problemas e conflitos a partir de temáticas em torno das quais se articulam” (GOHN, 2018, p. 119).

Considerando a potencialidade de codificação e decodificação de problemas e conflitos, temas que são sensíveis ao debate público acabam gerando maior interesse e repercussão nas redes, de forma a engajar um ativismo político efetivo na internet.

Logo, esse trabalho tem como problema central a identificação de como denúncias e construções de debates sobre violações de direitos humanos aparecem nas redes sociais, sendo analisado o caso das reações na rede social *Twitter* da chacina do Jacarezinho, ocorrida no dia 06 de maio de 2021. Com isso, objetiva-se observar como o tema chega no *site* e como foi organizada a dinâmica dos atores envolvidos, observando quem obteve mais interações entre si

na rede. Como objetivo específico pretende-se, também, observar como o debate sobre o assunto foi construído para além de sua denúncia, inserindo também dados sobre o dia posterior ao caso, onde os fatos já tinham sido absorvidos pela rede social.

Sobre o caso, a chacina ocorreu na manhã do dia 6 de maio de 2021, na qual uma operação da Polícia Civil do Rio de Janeiro causou 29 mortes na favela do Jacarezinho. Em uma tentativa de justificação, a Polícia Civil afirma que não houve irregularidades na operação e quase todas as mortes – com exceção de uma – se encontraram em situação que o policial se viu em legítima defesa<sup>2</sup>. Versão essa que foi duramente criticada por diversos organismos e instituições que saíram em defesa dos Direitos Humanos brutalmente violados na operação<sup>3</sup>.

Como hipótese, postula-se que influenciadores e ativistas digitais utilizam a plataforma para denunciar as violações da operação policial, interagindo entre si em uma rede de protestos e defesa de direitos humanos. Além disso, enquanto debate posterior à fase inicial das denúncias imagina-se que cresça nas redes um debate mais equilibradamente dividido entre os usuários contra a operação e os a favor.

Enquanto metodologia serão extraídos os dados da rede via *Twitter API*<sup>4</sup> e aplicados ao software *Gephi*, visando a criação de grafos que possibilitem a visualização dessas informações em uma rede integrada, considerando seus pesos e conexões. No programa serão construídas as redes e serão priorizadas a visualização das aglomerações entre os usuários, os destaques de influenciadores do tema a partir de seus pesos de entrada<sup>5</sup> e a relação dos blocos ideologicamente identificados entre si.

A importância dessa análise reside em captar uma perspectiva orgânica dos usuários das redes. Essa iria desde um primeiro momento de denúncia, realizado pelos envolvidos e moradores da região – e que precede o anúncio de jornais convencionais –, até a construção das interpretações sobre o caso. Esse último ponto em um movimento de ativismo digital que envolve influenciadores na tentativa de construir um sentido próprio para a sequência dos fatos.

<sup>2</sup> C.f.: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-08/mortos-na-chacina-do-jacarezinho-sobem-para-29-e-policia-insiste-na-criminalizacao-de-vitimas-sem-provas.html>

<sup>3</sup> C.f.: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/instituicoes-de-defesa-dos-direitos-humanos-e-de-estudos-sobre-seguranca-publica-condenam-acao-da-policia-no-jacarezinho.ghtml>.

<sup>4</sup> Application Programming Interface (API): um programa da plataforma que permite a extração de dados como: *Tweets*, Usuários, Mensagens Diretas, Listas, *Trends*, Mídias e Locais.

<sup>5</sup> Quanto mais o usuário recebe interações em seus tweets, maior é o seu peso de entrada, o que configura também uma relevância no debate visto que chamou atenção de um maior número de usuários.

Ademais, faz-se necessário mencionar que o termo chacina não corresponde a uma codificação penal específica (TELLES, 2010), mas significa um termo nativo de homicídios que têm como alvo múltiplas vítimas. Fato esse que, especialmente por seu caráter nativo, se encontra em disputa em casos como esse. Sobre isso, Vedovello e Rodrigues (2020) chamam a atenção para a disputa em torno da nomenclatura desse tipo de evento, visto que é a partir dela que se identifica uma multiplicidade de interpretações do mesmo fato.

Essa disputa pode dar significados distintos aos corpos assassinados, como é o caso das divisões entre os nomes atribuídos pelos órgãos de segurança, “ações policiais”, e dos movimentos sociais, “execuções” e “chacinas” (VEDOVELLO, RODRIGUES, 2020). Dessa forma, corrobora a noção de chacina enquanto uma categoria nativa utilizada por quem sofre a violência, a fim de criar sua interpretação do fato e disputar a narrativa com quem a pratica.<sup>6</sup>

Sendo assim, o trabalho será organizado em três segmentos: o primeiro tratando sobre a questão do ativismo digital, com foco nas questões sobre direitos humanos; um segundo contendo formulações sobre o *Black Twitter* e as análises já feitas sobre o movimento; e um terceiro com a explicação do caso atrelada a análise dos dados obtidos a partir do *Twitter*, reservando um último momento para considerações finais sobre a pesquisa.

## 2. MOBILIZAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

A mobilização nas redes sociais tem se tornado, com o crescimento e a popularização do acesso à internet no Brasil, um mecanismo cotidiano de formulação de debates políticos, o que reflete consequentemente na quantidade de pesquisas realizadas em relação a isso (VASCONCELLOS FILHO, COUTINHO, 2017).

Nesse sentido, cabe mencionar de início que esse tipo de militância *on-line* é um fenômeno característico da web 2.0 (VASCONCELLOS FILHO, COUTINHO, 2017). Essa que corresponde a um segundo momento da internet, em que se deixa o monopólio de fala dos blogs e rumoa-se em direção à uma rede mais horizontalizada.

Como tal, esse ativismo pode ter intenção de causar resultados tanto dentro quanto fora das redes, cabendo a seus membros decidir quais as orientações a serem tomadas. São exemplos,

---

<sup>6</sup> Destaco, sobre esse ponto de disputas de narrativas, como o termo “genocídio” passa a ser também mobilizado nesses casos. Sendo utilizado de maneira mais geral, a palavra aparece fundamentalmente nas proposições interpretativas das chacinas por parte dos movimentos negros. Ver mais sobre isso em Nascimento (2016) e Ramos (2021).

como mencionados por Vasconcellos Filho e Coutinho (2017), os ataques hackers iniciais, na Tunísia e na Islândia, como observado por Castells (2013), dentre outros casos.

Ao refletir sobre essa relação entre a coletividade e o uso dos meios digitais, Gohn (2018) argumenta que o poder das redes impacta no caráter da ação coletiva desenvolvida, de forma que a internet altera a formação, articulação e atuação dos movimentos sociais. Essa compreensão é central no caso analisado nesta pesquisa, visto que o uso da rede se faz como um elemento reorganizador da atuação dos movimentos sociais, coletivos ou mesmo de influenciadores individuais.

Esse tipo de uso das redes sociais apesar de recente já apresenta consequências concretas e estudos acerca disso, como é o caso emblemático da utilização na Primavera Árabe, observado por Manuel Castells (2013). O autor reconhece que, nesse momento, a movimentação parte das redes sociais, pois “são espaços de autonomia, muito além do controle dos governos, empresas – que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder” (CASTELLS, 2013, p. 23).

Ao pensar o uso dessas ferramentas no Brasil, essa dimensão torna-se fundamental, visto que é a partir dessa autonomia que se constrói a rede ativista. Ademais, essa utilização politizada e engajada na rede pode ser compreendida enquanto uma continuação dos movimentos sociais organizados. A internet possibilita, agora, não apenas a conexão e estruturação de ações, mas tem sido um fundamental divulgador das informações (GOHN, 2010).

Nessa perspectiva, a atuação dos movimentos sociais nas redes é complementada pela reivindicação de civis, historicamente não engajados, em causas que são difundidas nesses espaços virtuais. Uma maior horizontalidade presente nas redes sociais permite com que certos temas “viralizem” e consigam chegar a um número maior de pessoas interessadas.

Nesse sentido, como aponta Vasconcellos Filho e Coutinho (2017), toda a ação política virtual hoje é necessariamente coletiva, a partir dos espaços de interação coletivos existentes em que qualquer pessoa pode interagir. Isso se dá especialmente a partir das interações nas redes sociais, espaço em que um usuário comum pode ser um ativista, mesmo que não tenha uma associação histórica à um movimento.

Retornando ao campo político brasileiro, mesmo ao considerar a realidade de que a inclusão digital está longe de ser plenamente sucedida – em que aproximadamente 32% das pessoas, sobretudo das classes mais baixas, não possuem acesso –, a internet aumenta a circulação de informação (DESLANDES, 2018). Sabendo disso, não se pode conferir a importância de

substituição das mídias tradicionais, contudo as redes sociais assumem um papel de contra hegemonia em relação a esses mecanismos convencionais de informações.

Em um caso recente, o do processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, Marisa von Bülow e Tayrine Dias (2019) realizam análise similar à utilizada neste artigo. Utilizando a linguagem de programação *Python* e a partir de *hashtags* no *Twitter* as autoras tiveram enquanto principal foco observar as centralidades e os *clusters* formados a partir dos núcleos de hashtags, tanto a favor quanto contra a continuidade do processo.

A análise é construída em três níveis – de redes, nós e mensagens – e as autoras observaram como as assimetrias se desenharam, assim como as funcionalidades que o ativismo tomava para cada um dos lados e dos atores envolvidos. Ademais, é relatado também que, apesar de eficiente, a metodologia escolhida – de análise de conteúdo das redes – não se esgota em si mesma, não sendo apropriada para compreender a totalidade do caso, revelando a importância que pode ter uma mistura de perspectivas analíticas para melhor compreender essas relações sociais.

Logo, mesmo que se apresente como um fenômeno recente, a formação desses debates no ambiente digital revela enorme força social, com a capacidade latente de formular pautas organicamente pelos usuários da rede. Dessa forma, reitera-se o observado por Gohn (2018), de que a utilização desses espaços por parte dos movimentos sociais mais consolidados historicamente se apresenta enquanto uma excelente alternativa político-discursiva, de forma que buscam orientar as discussões ocorridas nas redes e pautas suas próprias temáticas.

E sobre isso, dois casos específicos são fortes contribuintes para este artigo: o do movimento feminista e do movimento negro. No primeiro caso, ao analisar a atuação do *blog* feminista *Escrava Lola Escrava*, percebe-se que a pauta é tratada em postagens como geradores de discussão entre os usuários da rede, formando uma integração entre os indivíduos interessados em torno de questões feministas específicas (ROCHA, 2017).

No segundo caso, analisando o caso do *blog* *Geledés* reiteram-se os comentários feitos sobre o anteriormente observado; a atuação política reforça-se a partir da construção do debate e, consequentemente, do discurso político a partir da interação entre o *blog* e seus usuários. Contudo, é ressaltada a complexidade do fenômeno e como uma ampliação metodológica pode ser proveitosa para melhor compreender a questão, especialmente ao se tratar da dinâmica entre gênero e raça nas redes (SILVA, 2020).

Ambos os casos aqui constroem elaborações por meios digitais – mais especificamente por *blogs* – em que mobilizam os ativistas interessados em torno das pautas que gerem o movimento de forma geral. São movimentos sociais historicamente organizados que, em sua face contemporânea, fazem uso do meio virtual para mobilizar e discutir com suas bases de maneira constante, estimulando uma ação coletiva nas “on-line” e “off-line”, quando necessário.

### 3. O BLACK TWITTER

Ao observar nesses casos empíricos em conjunto com a teoria, se as noções sociológicas de pertencimento, legado, vínculos territoriais e de identidade predominavam na delimitação das comunidades no mundo não virtual, na internet tais laços são bem mais fugazes. Entretanto, mesmo esses “vínculos fracos” ou provisórios têm inequívoco poder de influência e de disseminação de ideias (DESLANDES, 2018).

Nesse sentido, a concepção de construção da identidade em comunidade no meio digital, como será percebido na análise, é necessária para compreender o caráter da reação e que tipo de rede se construiu em torno do caso, especialmente nos momentos iniciais. Para isso, utiliza-se a concepção de *Black Twitter* (BROCK JR., 2020), a fim de compreender mais organicamente essas ações sociais, visto que essa corresponde a uma rede de interações no Twitter entre pessoas negras que, para além do entretenimento, costumeiramente se unem em defesa das causas da população negra.

Mesmo sendo majoritariamente analisada em outros países – como no caso dos EUA –, o *Black Twitter* se faz presente também no Brasil e ainda com escasso número de análises. Ele se apresenta enquanto parte da *black cybersculture* (BROCK JR., 2020) de forma que, além de pautar a negritude e a temática racial, ela é uma mediação de identidade cultural negra na rede (BROCK JR., 2020). Como define André Brock Jr. (2020),

[...] Black Twitter is an online gathering (not quite a community) of Twitter users who identify as Black and employ Twitter features to perform Black discourses, share Black cultural commonplaces, and build social affinities. While there are a number of non-Black and people of color Twitter users who have been “invited to the cookout,” so to speak, participating in Black Twitter requires a deep knowledge of Black culture, commonplaces, and digital practices. [...] being Black in the American racial context requires intentionality; representation and recognition are only part of the equation. Thus Black Twitter users intentionally signal their cultural affiliations to a like-minded audience in a space where, until recently, racial identity was considered a niche endeavor (BROCK JR. 2020, p. 31).

Essa ideia se torna de fundamental importância nesse caso visto que, ao observar os grafos é possível perceber que quem reage, em um primeiro momento, são pessoas que compõem esse *Black Twitter* no Brasil.

Sobre o debate formador do conceito, Sanjay Sharma (2013) analisa a forma pela qual os indivíduos negros no *Twitter* têm sua identidade étnico-racial materializada. Em especial a partir de *hashtags* específicas que circulam *tweets* de diversos tipos, como humor antirracista, suas sentimentalidades e comentários de teor social e político. Essa dinâmica revela como ocorre uma transformação da tragédia sofrida por essas pessoas em vida, como o racismo, é transformado em catalisador para o ativismo político digital, de forma a construir um debate que oriente os leitores a uma conscientização maior das questões abordadas.

Essa discussão acaba por formular a ideia do *Twitter* – ou a rede que for – como uma rede construtora de um debate cultural significativo na elaboração dos sujeitos. De uma forma que o grupo melhor se apropria dela como um “grupo público de usuários específicos” (BROCK, 2012, p. 545), em que sua relevância se traduz essencialmente na possibilidade de utilização de *hashtags* e *trending topics*.

Mesmo tendo analisado a questão no ano de 2012, Brock atinge essa conclusão que, ao longo do tempo, se confirmou a partir da expansão da rede, dos usuários e das próprias ferramentas. Ou seja, a partir delas é que reside a potencialidade principal do movimento, com a “viralização” de suas pautas fazendo com que, quando possível – ou necessário –, o debate diário da rede seja ditado por esses usuários a partir da replicação dessas *hashtags*.

Essa atuação é percebida em casos como o das *hashtags* #NotYourAsianSideKick e #SolidarityisforWhiteWomen analisadas por Rachel Kuo (2016), no qual mesmo com o recorte racial e atuação nas redes, os resultados mostraram-se muito dispersos, com uma baixa conectividade entre os atores e poucas aglomerações. Revela, por exemplo, como o debate foi gerido na rede e sustentado pelos atores, no qual a dispersão pode indicar um baixo nível de organização entre os que interagiram com o assunto.

Em torno da famosa *hashtag* BlackLivesMatter, Harlow e Benbrook (2017) observaram seu funcionamento específico a partir de artistas do *hip-hop* estadunidense – que são historicamente engajados com a temática racial devido ao caráter do movimento – no período dos protestos em Ferguson, em 2014<sup>7</sup>. A análise se orientou no sentido de captar a construção de um sentido

<sup>7</sup> Série de protestos ocorridos na cidade de Ferguson, em Missouri, em decorrência do assassinato de Michael Brown, um jovem de dezoito anos de idade, por um policial branco da cidade em 2014.

identitário a partir da *hashtag*, com uma comunidade em torno da causa política de interesse e que era mobilizada, majoritariamente, pelas pessoas negras do país.

E a partir do observado, percebe-se que embora a mídia tenha elogiado a atuação nas redes dos artistas em geral em torno da pauta, suas contribuições foram mínimas em relação aos artistas do *hip-hop*. Esses focaram seus esforços em construir uma comunidade identificada racialmente e digitalmente integrada, servindo como líderes comunitários. Como afirmam os autores

*What is more, this study extends research on Black Twitter to the realm of digital activism, as findings indicate that by using Black Twitter to help build identity and community, these hip-hop celebrities served as activists in the #BlackLivesMatter movement, turning Black Twitter into a space not just for the construction and maintenance of individual identity, but also for collective identity and resistance* (HARLOW, BENBOOK, 2017, p. 11).

É nessa relação entre a construção do discurso, a identidade e o político que situa a pesquisa. Em posição similar à da análise de Marc Lamont Hill (2018) em que observou o papel do *Black Twitter* enquanto um contra-público digital, com uma função pedagógica, política e organizacional em casos de vigilância estatal, relações com a polícia e mobilização contra o apagamento histórico da comunidade negra.

Essa abordagem evidencia o caráter de contra-público essencial na análise, em que a população negra se reconhecendo enquanto indivíduos periferizados pelo “público” – aqui compreendendo seus diversos sentidos – se reúne no *Twitter* e utiliza a plataforma para reforçar suas identidades e construir coletivamente resistências de natureza política.

Observando a formação do *Black Twitter* nos EUA e suas possibilidades de atuação, apesar de poucas análises, já indica-se que o brasileiro não difere tanto. Como observa Jacques (2020), a construção do *Black Twitter* brasileiro se dá sem a indicação de lideranças e formado a partir da expressão “pessoas negras seguindo pessoas negras”.

Em seu processo etnográfico, ele percebe que suas principais formas de atuação se dão, assim como nos EUA, em torno de pautas sobre identidade e reflexões políticas sobre a temática racial. Isso se torna perceptível com a exposição do autor das mobilizações do *Black Twitter* em torno de casos de violência policial, injustiças sociais e racismo que ocorrem pelo país, como foi o caso do assassinato de João Pedro<sup>8</sup>, a prisão de Gabriel Santos<sup>9</sup>, dentre outros, em que a mobilização dos integrantes do *Black Twitter* foi massiva (JACQUES, 2020).

---

<sup>8</sup> Jovem de 17 anos assassinado em casa no Salgueiro, Rio de Janeiro, durante operação policial na região. Morte foi repercutida nas redes e gerou discussão sobre violência policial em torno da *hashtag* #VidasNegrasImportam.

<sup>9</sup> Jovem de 22 anos preso por roubo pela Polícia Militar da Bahia sem que provas concretas fossem apresentadas por parte do acusador, foi solto em 24 horas após forte mobilização no *Twitter* com a *hashtag* #SoltemGabriel.

Porém, ao tratar especificamente do caso brasileiro, é necessário ressaltar que esse *Black Twitter* não é composto somente por influenciadores “isolados” e civis negros identificados com a pauta. Muitos desses atores são pessoas socialmente engajadas em movimentos históricos, seja em seus coletivos e organizações de bairro, seja em movimentos sociais organizados.

Dessa forma, o *Black Twitter* passa a ser encarado, por vezes, como um desdobramento das ações desses movimentos, os quais fazem uso da ferramenta para pautar e denunciar a questão. Como será visto adiante, o espaço é compartilhado pelos atores interessados no assunto para que a reivindicação seja construída, pautada e difundida.

Ademais, essa nova dimensão da ação coletiva identificada na rede social pode ser interpretada como uma nova face do que apontou Sader quanto “novos personagens em cena”. Analisando os movimentos populares das décadas de 1970-80 em São Paulo, o autor vai identificar que esses movimentos foram capazes de produzir um novo sujeito coletivo.

Esses que “passam a definir-se, a reconhecer-se mutuamente, a decidir e agir em conjunto e a redefinir-se a cada efeito resultante das decisões e atividades realizadas” (SADER, 1988, p. 10). Em concomitância a isso, ressalta-se que esse “novo sujeito” não se atrela a instituições ou organizações que as pautem, ocorrendo similarmente na internet, em que a mobilização se constrói em um conjunto, não apresentando dispersividade nem excessiva estruturação.

#### 4. A CHACINA DO JACAREZINHO EM REDE

De início, se faz necessário considerar a repercussão da operação policial mais letal da cidade do Rio de Janeiro<sup>10</sup> como um elemento central na compreensão de como o debate se constrói no *Twitter* e de sua relevância política. A diferença da reportagem, feita por parte dos canais de comunicação tradicionais, para a denúncia, feita pelos movimentos nas redes, ressalta já a disputa verbal sobre a narrativa típica de casos como esse, como visto em Silva, Santos e Ramos (2019).

De início, os portais de notícia convencionais e emissoras de televisão centralizavam a exposição do caso na morte do policial ocorrida na operação. Concomitantemente a isso, havia uma ausência de comentários de teor crítico sobre o excesso de violência ocorrida na situação, o que, como será visto a seguir, contrastava com a exposição nas redes sociais pelos movimentos envolvidos.

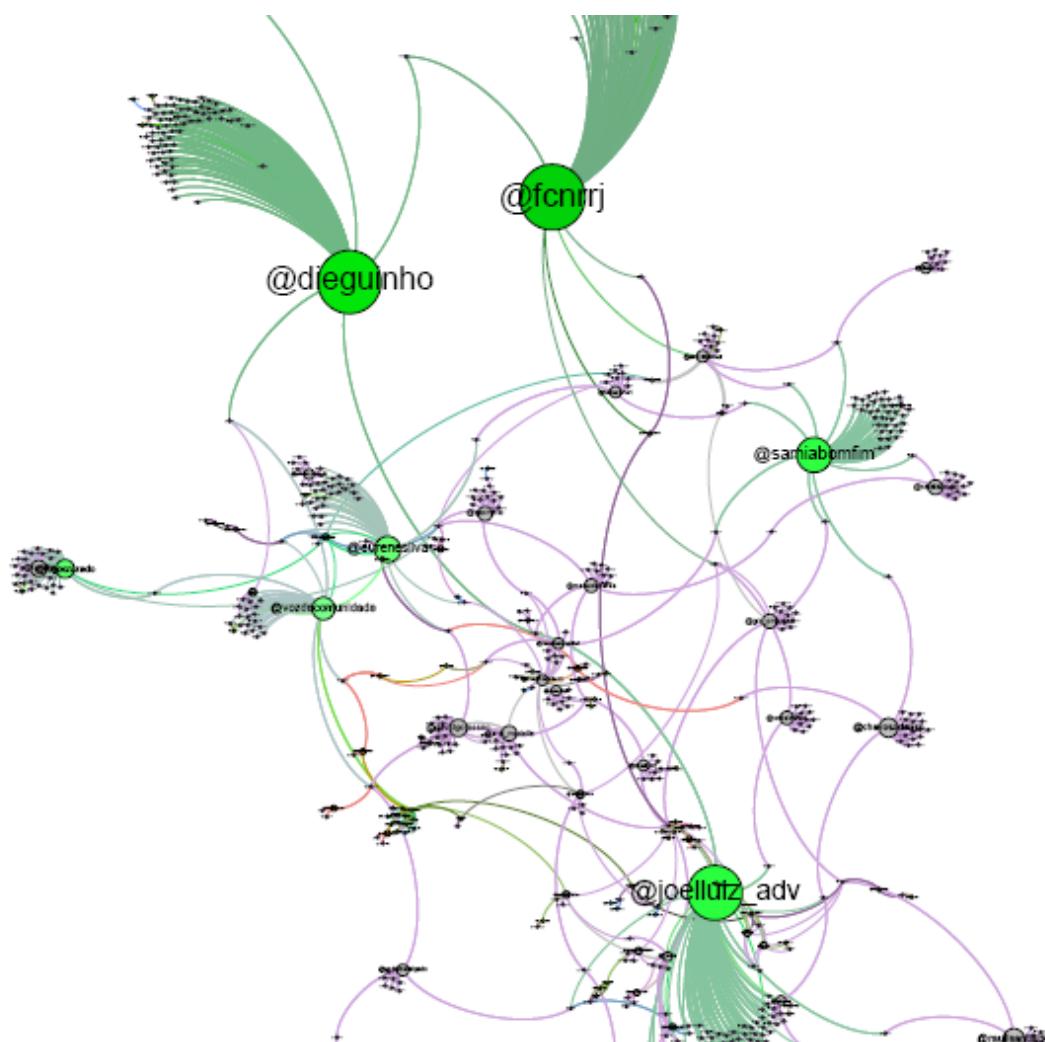
<sup>10</sup>

C.f.:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/operacao-no-jacarezinho-rio-tem-numero-recorde-de-mortes.ghtml>.

Nesse sentido, cabe observar como o caso surge no *Twitter*, pois devido à dinâmica da própria rede, tende a ser uma rede social caracterizada pela velocidade de circulação da informação, não sendo diferente nesse caso. A denúncia do que estava ocorrendo na favela surge quase instantaneamente à operação por parte dos atores a seguir:

**Imagem 1 - Momento da denúncia**



Fonte: Elaboração própria.

Coletados os dados por volta de 14h da tarde do dia 6 e a partir do termo “jacarezinho”, o grafo foi gerado a partir do grau de entrada de cada um dos atores, ou seja, de quem eram os mais mencionados, *retweetedos* e curtidos dentro do assunto. Dito isso, é possível observar que a construção do grafo se concentrou em, basicamente, dois polos: um reunindo os perfis do @FCNRRJ (Favela Caiu Na Rede – Rio de Janeiro) e @dieguinho (ativista preto antirracista

comunitário nascido na favela do Jacarezinho); e o outro com @joelluiz\_adv (advogado, morador do Jacarezinho e ativista pelos Direitos Humanos). Outros elementos relevantes no grafo mostram a @SâmiaBonfim (deputada federal pelo PSOL), à direita, e @eurenesilva (Renê Silva, ativista negro do Complexo do Alemão), os portais @vozdacomunidade e @fogocruzado, respectivamente à esquerda.

Essa configuração revela como foram os momentos iniciais da temática na rede, a centralidade dos três atores nessa primeira fase revela uma prioridade em favor da notícia. Por terem acesso diretamente ao fato, a discussão sobre o ocorrido se situa em torno deles que, já nesse primeiro momento, realizavam os relatos a partir de uma perspectiva crítica e de violação explícita de Direitos Humanos, sobretudo, de pessoas negras.

Vale a pena identificar também a mescla entre portais de notícias, influenciadores negros e representantes políticos, visto que alguns dos atores menores no grafo são pessoas como @marcelofreixo (Deputado Federal pelo PSOL) e @taliriapetrone (Deputada Federal pelo PSOL). Essa mistura e integração revela como a prioridade nesse momento ainda é a chegada de uma informação sem o filtro das mídias convencionais, com uma abordagem direta de quem traz a perspectiva do morador que vê a operação acontecer em seu entorno.

Nesse ponto, é relevante mencionar que surgem matérias sobre o caso na mídia tradicional – nesse caso o portal G1 – que tratam da perspectiva dos moradores sobre o caso, trazendo vídeos, imagens e *tweets* sobre o assunto publicados nas redes<sup>11</sup>, publicando em paralelo com as de abordagem mencionada no início do segmento.

Esse movimento traz luz à importância dessa primeira fase de divulgação e denúncia do caso. É um ponto que influenciadores negros e portais que lidam com notícias das favelas, compreendidos como parte do *Black Twitter* brasileiro, se organizaram e iniciaram uma abordagem “contra-hegemônica” na rede que atingiu a mídia convencional.

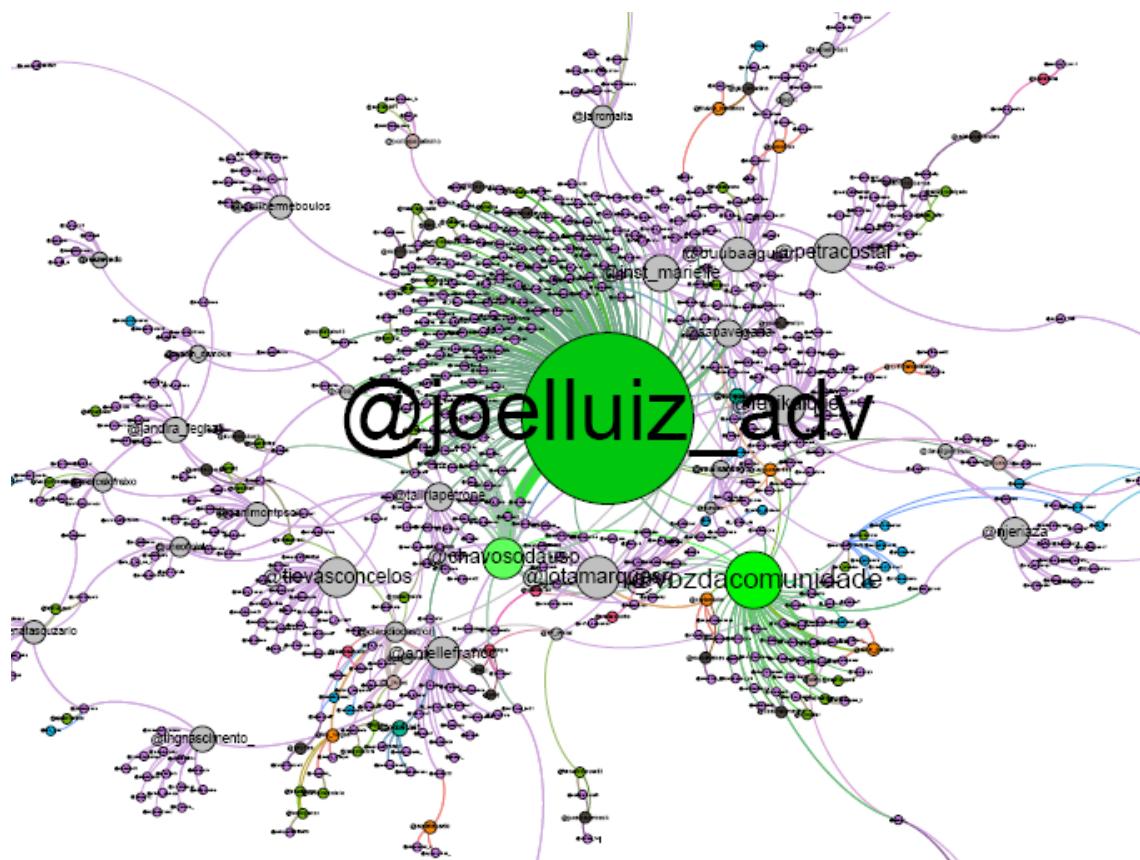
Em um segundo momento de coleta de dados, já por volta das 19 horas da noite, o cenário do debate sobre o assunto apresenta uma diferente forma, visto que a operação havia acabado há algumas horas e a militância passou a discutir e repercutir o assunto a partir da *hashtag* #ChacinadoJacarezinho. Nesse caso, abordar os dados a partir dessa *hashtag* isolada permite compreender como se relacionam os atores no caso, especialmente em torno da denúncia.

---

<sup>11</sup> C.f.:

[https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/operacao-jacarezinho-relato-moradores.ghtml?utm\\_source=push&utm\\_medium=web&utm\\_campaign=pushwebg1](https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/operacao-jacarezinho-relato-moradores.ghtml?utm_source=push&utm_medium=web&utm_campaign=pushwebg1).

**Imagen 2 - A hashtag #ChacinadoJacarezinho**



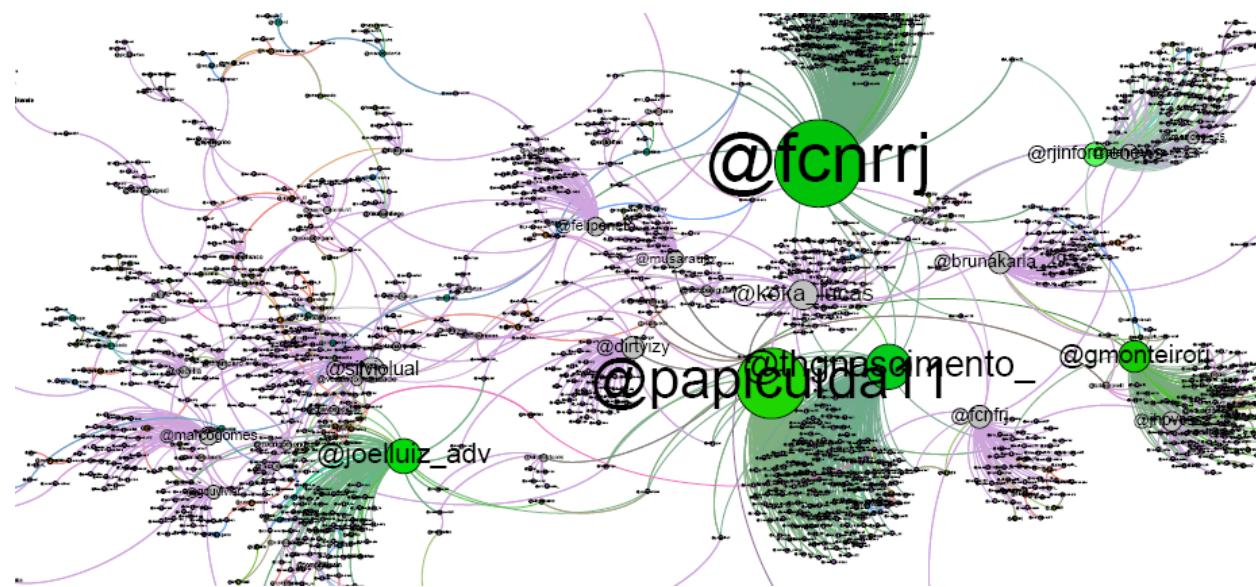
Fonte: Elaboração própria.

O observado é a centralidade absoluta do advogado Joel Luiz, que se torna o centro de toda repercussão do assunto na rede, tendo em seu entorno alguns poucos portais e institutos, como o Voz da Comunidade e o Instituto Marielle Franco. Contudo, também estão presentes diversos influenciadores e representantes políticos, como a cineasta Petra Costa, o candidato a vereador Jota Marques (PSOL), o youtuber Chavoso da USP, Tiê Vasconcelos e Anielle Franco.

Nesse ponto e perspectiva, o protagonismo da pauta se constrói em cima dos influenciadores. Apesar da centralidade de Joel, assim como de outros influenciadores negros e portais que tratam sobre a temática racial, suas presenças não são absolutas, abrindo margem para uma forte integração com outros influenciadores e representantes. O *Black Twitter*, nesse caso, se concretiza enquanto centro do debate e busca conexões com outras frentes para apoiar a denúncia da violência ocorrida na favela.

Na terceira coleta, às 2 horas da manhã do dia 7, busca-se observar como foi o debate no dia do ocorrido. Utilizando como palavra-chave “jacarezinho”, novamente para ampliar o campo de busca, realizar esse registro é relevante para acompanhar o momento mais efusivo de um debate na rede, que ocorreu na parte da noite após as informações serem apuradas.

**Imagen 3 - Fim do primeiro dia**



Fonte: Elaboração própria.

Nesse grafo, é possível perceber ainda a centralidade do Favela Caiu na Rede como fonte informativa, contudo é perceptível a inserção mais acentuada do *Black Twitter*, representado no foco pelos usuários individuais @papicuida11 e @thgnascimento\_. Ambos os homens negros moradores de favela e, no caso do segundo, membro do LabJaca<sup>12</sup>, que denunciaram veementemente em seus perfis o ocorrido. Entre esses dois polos é possível identificar @koka\_lucas, perfil do ator, cantor, poeta e MC Lucas Penteado.

É válido mencionar também que Lucas, no lugar em que se encontra, acaba por representar, simbolicamente, uma relação perceptível no *Black Twitter*: entre a entidade coletiva de notícias das favelas e usuários individuais negros do Twitter, personificando nele o elo entre o indivíduo e o coletivo enquanto influenciador negro.

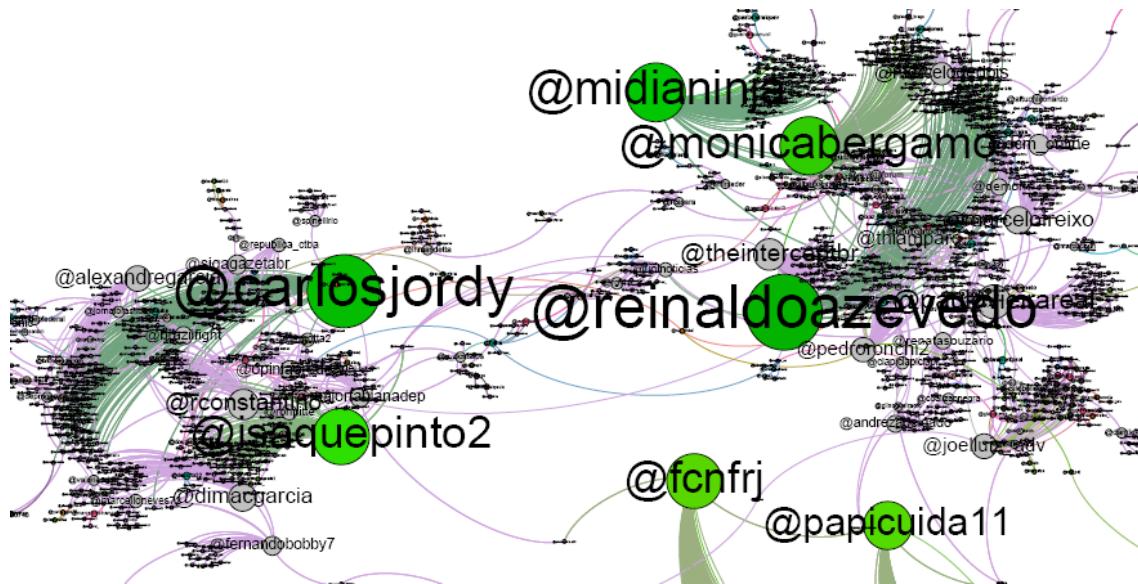
<sup>12</sup> Laboratório de dados e narrativas na favela do Jacarezinho, zona norte do Rio de Janeiro.

Outros pontos importantes observáveis no grafo são a constante relevância de Joel, agora ao lado de Silvio Almeida, também advogado, professor, ativista e influenciador negro que ao comentar sobre o assunto é frequentemente compreendido em conjunto com Joel.

Ademais, surge à direita com uma certa relevância a perspectiva favorável a operação, organizada pelo vereador e *youtuber* Gabriel Monteiro (eleito pelo PSD). Essa é a primeira aparição com maior relevância de atores que expressam suas opiniões em concordância com o ocorrido, simbolizado na figura do vereador. Ademais, essa figura funcionar como um catalisador dessa perspectiva do assunto se faz não por acaso, visto que o mesmo é ex-policial militar em que faz da segurança pública na Cidade do Rio de Janeiro a sua principal pauta.

A fim de observar a repercussão no “dia seguinte” do ocorrido, visando absorver um dia estritamente de discussão, foi realizado um registro dos dados sobre “jacarezinho” às 18 horas do dia 7 de maio.

**Imagen 4 - O dia seguinte**



Fonte: Elaboração própria.

Ao observar a configuração, é facilmente perceptível a mudança completa da disposição do debate e que os protagonistas de “ontem” já não são mais os de “hoje”. Os eixos centrais das observações passadas, representados aqui por Favela Caiu no Face RJ e @papicuida11 se

encontram agora na periferia da discussão, em que o fato já não é mais “novo” e o relato dos moradores já abre espaço em detrimento das possibilidades de interpretações do fato.

Outro indicador desse movimento é a posição e relevância de Joel Luiz, que consigo carrega o que se conceituou enquanto *Black Twitter*, em posição pouco relevante em comparação com outros elementos do grafo.

Os centros passam a ser o jornalista Reinaldo Azevedo, a jornalista Mônica Bergamo e o portal de notícias Mídia Ninja dentre os que são contra a operação; e Carlos Jordy (Deputado Federal eleito pelo PSL), @isaquepinto2 (usuário comum da rede) e os jornalistas Rodrigo Constantino e Alexandre Garcia a favor. Essa configuração revela uma nacionalização do fato ocorrido no Rio de Janeiro, em que mesmo com a centralidade de pessoas da cidade no grafo, aparecem influenciadores e outros locais para interpretar e orientar a discussão em torno da operação.

Outra consideração possível é identificar que, dentre os principais elementos desse grafo, o seu foco se dá majoritariamente entre jornalistas e portais de informações. Dessa forma, o *Black Twitter* e influenciadores de maneira geral se encontram afastados do centro, gerando interpretações que possibilitem a compreensão do caso como um dilema também para a comunicação social.

Observar que essa relação nesse ponto se dá entre Reinaldo, Mônica, Mídia Ninja e *The Intercept* de um lado e Garcia, Constantino e Gazeta Brasil de outro retoma a questão inicial da pesquisa, em que observando historicamente como esse tipo de cobertura é feito, a importância da utilização das redes sociais é ressaltada.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ancorado na concepção de Scherer-Warren (2013) de que é inegável a apropriação da tecnologia para a ampliação de reivindicações, difusão de informações, proposições de discussões e organização em torno de determinada causa, a análise dos grafos do dia 6 e 7 de maio de 2021, no qual se discutiu a chacina ocorrida no Jacarezinho, permite observar esse movimento.

A hipótese correspondeu diretamente com os achados a partir dos dados, visto que a dinâmica que se construiu ao longo dos grafos revela que os portais e sites de notícias, que geralmente estão associados aos movimentos sociais organizados, têm sua função exercida num primeiro momento do caso.

A atuação de movimentos sociais organizados se soma a de coletivos e influenciadores individuais, como postulado por Gohn (2018). Esse elemento foi essencial para que o debate não girasse em torno apenas da versão oficial da Polícia e hegemônica da mídia tradicional, introduzindo a perspectiva dos indivíduos envolvidos e presentes que pautou o assunto.

Nesse sentido, é ainda mais fundamental a utilização da ferramenta em casos de violação de Direitos Humanos em relação com os perfis compreendidos enquanto *Black Twitter* no Brasil. Em ocorrências como essa, como as mencionadas dos EUA (HARLOW, BENBOOK, 2017; HILL, 2018), é fundamental a diversificação de fontes de informação que tragam mais clareza ao fato, para que uma versão não seja impressa de forma acrítica.

Ademais, o *Black Twitter* se fez presente em um momento intermediário, no qual se formou a interpretação que foi difundida por outros influenciadores e portais de notícias. A compreensão de que aquela violação de Direitos Humanos tinha um recorte de raça e de classe intrínseco carrega em sua base as formulações iniciais de Joel, Lucas Penteado, Silvio Almeida, dentre outros.

Essa relação também evidencia que mesmo sem lideranças específicas e organizadas, e considerando também o caráter da rede, a composição do *Black Twitter* brasileiro é consideravelmente orientada por seus influenciadores mais seguidos e populares.

Dessa forma, como observado nos primeiros momentos de registro dos dados, os únicos usuários individuais que chegaram a altos níveis de entrada e relevância no debate foram os que lidavam diretamente com o caso, enquanto representavam as figuras de moradores e denunciantes do fato.

Por fim, percebe-se que ao nacionalizar a questão e gerar um embate mais direto entre as perspectivas do assunto, a centralidade dos atores iniciais se dissipa em detrimento de influenciadores com maior número de alcance na rede, que reverberam a interpretação formulada anteriormente adaptadas aos seus discursos.

É necessário ressaltar, também, que apesar da análise ter possibilitado uma melhor compreensão da denúncia e debate em torno do fato, é preciso compreender que nem todas as interações foram registradas – por motivos tecnológicos – e ainda há muito o que ser compreendido sobre essa dinâmica digital de ação social.

## REFERÊNCIAS

- BROCK, A. 2012. From the Blackhand Side: Twitter as a Cultural Conversation. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, v. 56, n. 4, p. 529-549.

- BROCK JR., A. 2020. *Distributed Blackness: African American Cybercultures*. New York: NYU Press.
- CASTELLS, M. 2013. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DESLANDES, S. 2018. O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*, v. 23, n. 10, p. 3133-3136.
- GOHN, M. G. 2010. *Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civis no Brasil Contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- GOHN, M. G. 2018. JOVENS NA POLÍTICA NA ATUALIDADE – uma nova cultura de participação. *Cad. CRH*, Salvador, v. 31, n. 82, p. 117-133.
- HARLOW, S., BENBROOK, A. 2019. How #Blacklivesmatter: exploring the role of hip-hop celebrities in constructing racial identity on Black Twitter. *Information, Communication & Society*, v. 22, n. 3, p. 352-368.
- HILL, M. L. 2018. “Thank You, Black Twitter”: State Violence, Digital Counterpublics, and Pedagogies of Resistance. *Urban Education*, v. 53, n. 2, p. 286-302.
- JACQUES, J. P. 2020. *Pessoas negras seguindo pessoas negras: identidade on-line a partir de uma análise etnográfica no black twitter brasileiro*. Santa Cruz do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social). Universidade de Santa Cruz do Sul.
- KUO, R. 2016. Racial Justice Activist Hashtags: Counterpublics and Discourse Circulation. *New Media and Society*, v. 20, n. 2, p. 495-514.
- NASCIMENTO, A. 2016. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- RAMOS, P. 2021. *Gramática negra contra a violência de Estado: da discriminação racial ao genocídio negro (1978-2018)*. São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- ROCHA, F. B. M. 2017. *A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital*. São Leopoldo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- SADER, E. 1988. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SCHERER-WARREN, I. 2013. Redes e movimentos sociais projetando o futuro. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 1, n. 1, jan/jul.
- SILVA, D. C. P. 2020. Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e reflexividade. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada [online]*, v. 20, n. 3, p. 407-442.
- SILVA, U. V., SANTOS, J. L., RAMOS, P. C. 2019. *Chacinas e a politização das mortes no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- SHARMA, S. 2013. Black Twitter? Racial Hashtags, Networks and Contagion. *New Formations: A Journal of Culture/Theory/Politics*, v. 78, n. 1, p. 46–64.
- TELLES, V. S. 2010. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Argumentum.

DELPHINO, G. *Influenciadores e ativismo digital: o uso do Twitter na denúncia do caso da chacina do Jacarezinho*.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v13i1.82709>

VASCONCELOS FILHO, J. M., COUTINHO, S. 2016. O *ativismo digital brasileiro*. São Paulo:  
Editora Fundação Perseu Abramo.

VEDOVELLO, C. L., RODRIGUES, A. M. 2020. As chacinas em São Paulo: da historicidade à  
Chacina da Torcida Pavilhão 9. *Revista de Estudos Empíricos em Direito*, v. 7, n. 2, jun, p. 161-179.

VON BÜLOW, M., DIAS, T. 2019. O ativismo de hashtags contra e a favor do *impeachment* de  
Dilma Rousseff. *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, n. 120, p. 5-32.